



Geografia em uma Casca de Bala – trabalhando o consumo sob a perspectiva de escolares do 7º ano

Sweet Geography: A 7th Grade Exploration of Consumption

- 1 **Pablo Henrique Pinheiro de Abreu**  <https://orcid.org/0009-0001-6704-7888>
1 Universidade Federal de Goiás  Palmas, Tocantins, Brasil
- 2 **Caroline Costa Prado**  <https://orcid.org/0009-0006-0192-707X>
2 Universidade Federal de Goiás  Palmas, Tocantins, Brasil
- 3 **Adriana Olívia Alves**  <https://orcid.org/0000-0003-0604-4648>
3 Universidade Federal de Goiás  Palmas, Tocantins, Brasil

Autor de correspondência: pablohenriquepa7@gmail.com

RESUMO

Para as crianças, o ensino de Geografia começa com noções básicas de espaço (entender onde estão) e gradualmente avança para questões mais complexas envolvendo identidade, sociedade, cultura e os impactos ambientais. É fundamental que a Geografia ganhe um significado mais profundo, de modo que os estudantes compreendam sua importância em seu cotidiano. A atribuição de sentido aos conteúdos geográficos torna o aprendizado mais acessível e interessante quando relacionado às práticas diárias. Nesse contexto, a mediação do professor é crucial para conectar o conhecimento geográfico ao ambiente vivido pelos alunos. Este artigo examina o papel da Geografia na formação de estudantes do 7º ano do ensino fundamental, demonstrando como uma atividade simples, envolvendo um produto comum como uma bala, pode ampliar a percepção das crianças sobre a relação entre espaço e sociedade. O objetivo foi levar os estudantes a refletirem sobre o processo completo: desde a produção da bala, sua distribuição e consumo, até o descarte, destacando como essas etapas estão interligadas por questões geográficas, como a logística, o impacto ambiental e as práticas de consumo locais. A partir dessa atividade os estudantes passam a entender como observar o cotidiano sob uma perspectiva geográfica, percebendo a diversidade de conhecimentos envolvidos em algo tão familiar quanto o consumo de uma bala.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Olhar Geográfico; Consumo; Cotidiano.

ABSTRACT For children, the teaching of Geography begins with basic notions of space (understanding where they are) and gradually progresses to more complex issues involving identity, society, culture, and environmental impacts. It is essential that Geography gains a deeper meaning so that students understand its importance in their daily lives. Assigning meaning to geographic content makes learning more accessible and interesting when related to daily practices. In this context, teacher mediation is crucial to connect geographic knowledge to the environment experienced by students. This article examines the role of Geography in the education of 7th-grade students, demonstrating how a simple activity involving a common product such as a candy can broaden children's perception of the relationship between space and society. From this activity, which explores the process of

industrialization, distribution, and consumption, students begin to understand how to observe everyday life from a geographic perspective, realizing the diversity of knowledge involved in something as familiar as consuming a candy.

Keywords: Geography Education; Geographical Perspective; Consumption; Daily Life.

Introdução

O que a Geografia significa para as crianças que estão na escola? Principalmente no ensino fundamental onde sua percepção do espaço enquanto sujeito social ainda está se formando, a geografia estrutura a percepção do indivíduo, estudante, como um sujeito social, além de apresentar no meio em que vive as influências ambientais que podem afetar seu cotidiano. Suas preocupações são mais pontuais, considerando problemáticas relacionadas ao que ocorrem em casa, na escola e, provavelmente, no bairro onde moram. Compreender a si mesmo como sujeito ativo na sociedade e inserido nela é algo complexo de ser percebido, já que o mundo, em sua espacialidade e temporalidade se estende muito além da história de um indivíduo, apesar de compor todo ambiente que o circunda.

A Geografia estuda a sociedade, o espaço que ela ocupa e as dinâmicas naturais que, de algum modo, influenciam nosso modo de viver. Entre as abordagens naturais, sociais e as construções teórico-conceituais da disciplina, há conceitos fundamentais a serem compreendidos, como lugar, território, paisagem, região, espaço geográfico, escala, rede, mobilidade, ambiente, natureza, entre outros. Esses conceitos contribuem para a formação dos sujeitos e para a compreensão das dinâmicas espaciais que afetam diretamente sua percepção de sociedade e seu papel como cidadãos.

A Geografia é uma ciência única, originada dos modelos de conhecimento que predominavam antes da revolução científica do século XVIII. Analisa os arranjos físicos de objetos, pessoas e fenômenos, orientando-se por um padrão de dispersão no espaço, cuja distribuição segue coerências, lógicas e razões subjacentes (Gomes, 2009). Ao refletir sobre a atividade geográfica, Amorim Filho (2006) discorre que desde suas origens mais remotas, ela sempre foi plural em temas e abordagens. No entanto, além dessa pluralidade, a geografia mantém uma unidade, guiada por objetivos e princípios

gerais que visam refletir sobre a evolução do pensamento geográfico e suas questões epistemológicas.

Devemos levar em conta que, dentro de uma perspectiva geográfica, a abordagem em sala de aula é diversa, assim como os pensamentos de cada indivíduo que compõe a turma. Os alunos frequentemente perguntam: “Professor, para que serve a geografia na minha vida?”. Diante disso, muitas vezes o professor se sente compelido a buscar recontextualizar e aproximar o conteúdo à realidade vivida.

A compreensão básica dos conhecimentos geográficos em uma perspectiva escolar, pode começar com o “saber onde você está”, ou seja, a capacidade de se localizar. Esse entendimento faz com que os estudantes reflitam sobre as múltiplas escalaridades existentes em seu cotidiano. Em seguida, surge o questionamento sobre o “quem”: quem sou na sociedade em que vivo e o que ela representa para mim? Afinal, questionamos “o que”: o que são a natureza, a sociedade e a cultura, e como esses fatores influenciam a maneira como vivemos.

Precisamos considerar que a prática docente é uma busca coletiva das possibilidades, escolhas, pesquisas e desafios, que almeja o desenvolvimento das capacidades dos escolares. O que torna a mediação entre conteúdo, professor e estudantes algo enriquecedor. Proença (2018), afirma que:

Compreender como a criança aprende, vivenciar experiências relacionadas às múltiplas linguagens expressivas e ao uso de instrumentos metodológicos, definir possibilidades de metodologias que contemplassem os interesses da faixa etária e, ao meu ver, o maior de todos, fortalecer a cultura coletiva, a partir de um referencial em comum, traçando referências de indidentidades (Proença, 2018, p. 144).

No ensino de geografia, é essencial que o professor traga a realidade social para a sala de aula, utilizando os aspectos que circundam os estudantes e fazem parte de seu cotidiano, relacionando-os ao conteúdo trabalhado. Nesse processo, o professor assume o papel de mediador e conhecedor dos elementos e sujeitos que compõem a realidade dos estudantes, mostrando como estes podem ser vinculados ao tema da aula de geografia.

Estudar o espaço vivido pelos estudantes pode partir da compreensão, por parte do professor de geografia, de que esse espaço reflete diversas formas de estruturação social, essenciais para o aprendizado. É importante discutir e criar atividades que dialoguem com as práticas sociais presentes nesse ambiente, transformando o conteúdo da aula em informações coerentes. Isso permite que os estudantes interpretem e analisem os conhecimentos geográficos, relacionando-os diretamente com suas experiências cotidianas. Para evidenciar tais reflexões, um sistema conceitual foi elaborado no que será discutido a seguir.

Figura 1: Compreensão e mediação professor/estudante



Fonte: Os autores (2024)

O sistema representado na Figura 1 evidencia uma proposta metodológica de mediação didática que o professor de Geografia deve considerar ao planejar seus conteúdos. Essa abordagem parte do princípio de que a compreensão dos estudantes se constrói, primeiramente, a partir do espaço que eles habitam. O conhecimento do aluno está enraizado na realidade que vivencia diariamente. Assim, quando os conteúdos de

Geografia são relacionados ao espaço vivido, o estudante passa a perceber a disciplina de forma mais integrada e conectada ao seu próprio entorno.

Partindo dessa premissa, apresentamos uma experiência didática na disciplina de Geografia no 7º ano, desenvolvida em uma Escola Municipal na zona Leste de São Paulo-SP, onde uma atividade sobre o processo de produção e consumo foi desenvolvida em sala de aula utilizando uma balinha como objeto de análise.

Conectando uma simples bala, um produto de consumo de fácil acesso, ao consumo e ao descarte inadequado de seus resíduos. O objetivo foi levar os estudantes a refletirem sobre o processo completo: desde a produção da bala, sua distribuição e consumo, até o descarte, destacando como essas etapas estão interligadas por questões geográficas, como a logística, o impacto ambiental e as práticas de consumo locais.

Relação teoria e prática, olhar geográfico e o cotidiano estudantil

Frequentemente, a prática em sala de aula se concentra mais na exposição do conteúdo do que na interação entre alunos, professor e o conteúdo abordado. Nessa abordagem, o professor se torna o único detentor de conhecimento, o que limita a compreensão dos alunos, que ficam sujeitos à perspectiva imposta pelo docente sobre o que está sendo ensinado. Shulman (2014), ao abordar a experiência do professor e suas práticas em sala de aula, parafraseia Fenstermacher (1978,1986), e diz que:

O objetivo da formação do professor, diz ele, não é doutrinar ou treinar professores para se comportar da maneira prescrita, mas sim educar professores para refletir em profundidade sob o próprio ensino, assim como para ter um bom desempenho como docente. A reflexão profunda requer tanto um processo de pensamento sobre o que estão fazendo como uma adequada base de fatos, princípios e experiências, a partir dos quais se raciocina. Os professores precisam aprender a usar sua base de conhecimento para prover fundamentos para escolhas e ações.(Shulman, 2014, p.214)

Essa abordagem tradicional desconsidera a participação dos alunos e as suas próprias compreensões da disciplina, desvalorizando seus conhecimentos prévios.

Para transformar essa realidade educacional, é fundamental que o professor melhore a forma como conduz as metodologias em sala de aula, incluindo os

entendimentos dos estudantes sobre o conteúdo trabalhado em sala. No entanto, não basta simplesmente introduzir novas técnicas se a abordagem pedagógica continuar a excluir os conhecimentos que os alunos já possuem.

Portanto, se o modelo de ensino não estabelecer uma conexão com a realidade vivida pelos alunos, as suas percepções sobre o conteúdo estudado também não terão significado. Sem uma relação significativa, o conteúdo se torna distante e desestimula atitudes que valorizem e ajudem a resolver os problemas que os alunos enfrentam como indivíduos na sociedade.

Segundo Freire (1997), ler é buscar compreender, e por isso, ensinar leitura e escrita deve ser um processo criativo voltado à construção de sentido e à comunicação. Essa compreensão se aprofunda quando unimos o que aprendemos na escola com o que vivemos no dia a dia. A leitura exige um exercício constante: ligar a experiência concreta do cotidiano aos conceitos mais abstratos. Freire chama isso de “leitura da leitura do mundo”, ou seja, a interpretação da realidade que fazemos antes mesmo de lermos palavras. Essa leitura do mundo não deve ser vista como inferior, mas como uma base importante para compreender o que os textos nos dizem (Freire, 1997, p.20-21).

As práticas em sala de aula não devem se limitar à aplicação de técnicas, métodos e procedimentos de forma objetiva e sistemática para resolver problemas. Essa abordagem pode restringir a compreensão do conteúdo, focando apenas na teoria e negligenciando exemplos práticos que são relevantes no dia a dia dos estudantes.

Nesse contexto, é essencial que o professor adote uma proposta que incentive a investigação, o questionamento e a reflexão dos alunos, aumentando assim o interesse pelo que está sendo abordado em sala de aula. Donald Schön (2000, p. 15) reflete sobre a perspectiva da racionalidade tecnicista e o papel que o professor desempenha nesse cenário, destacando que.

[...] na topografia irregular da prática profissional, há um terreno alto e firme, de onde se pode ver um pântano. No plano elevado, problemas possíveis de serem administrados prestam-se a soluções através da aplicação de teorias e técnicas baseadas em pesquisas. Na parte mais baixa, pantanosa, problemas caóticos e confusos desafiam as soluções técnicas. A ironia dessa situação é o fato de que os problemas do plano tendem a ser relativamente pouco importantes para os indivíduos ou o conjunto da sociedade, ainda que seu interesse técnico possa ser muito grande, enquanto no pântano estão os problemas de interesse humano (Schön, 2000, p.15).

Basear as aulas apenas em informações técnicas limita o olhar geográfico, impede o exercício de relacionar o conteúdo ensinado com o que é vivido e distanciando os estudantes do que está sendo trabalhado. A citação alerta que, ao não valorizar e entender as diferentes informações presentes no ambiente escolar, corremos o risco de ignorar questões e saberes ligados ao cotidiano dos estudantes, o que pode afastar os conteúdos trabalhados da realidade que eles vivenciam. Para que os alunos possam enxergar a relação do conteúdo em seu dia a dia, é essencial que o professor adote práticas reflexivas, considerando situações próximas e relevantes ao contexto dos estudantes.

Precisamos entender que o olhar geográfico surge da conexão entre os conhecimentos da Geografia e com a realidade em que vivemos. No entanto, essa relação entre conhecimento e cotidiano é uma ação intencional, voltada para a transformação da realidade. Trata-se de uma ação significativa, guiada por uma perspectiva crítica. Para isso, é essencial entender os discursos como transmissores de valores e significados. No contexto escolar, o olhar geográfico envolve a atribuição de sentido ao conhecimento produzido, refletindo-se na visão de mundo dos estudantes e em suas práticas espaciais presentes em suas rotinas. Esse olhar geográfico se articula em um processo de significação, que pode tanto fortalecer quanto negar as práticas que ocorrem no espaço vivido.

Na sala de aula, a conexão entre teoria e prática possibilita o reconhecimento da realidade, onde esses dois elementos são percebidos como partes de um mesmo contexto. Dessa forma, os estudantes podem relacionar, compreender e identificar as dinâmicas do lugar em que vivem com os conteúdos trabalhados em sala. Isso lhes permite integrar, de forma consciente, pensamento e ação (Silva, 2018). Ao adotar o olhar geográfico no ensino, é necessário fundamentá-lo em uma abordagem educativa que busque desenvolver uma consciência crítica, valorizando os aspectos sociais, o reconhecimento espacial e a compreensão da realidade vivida.

Tal abordagem ignora os conhecimentos prévios dos estudantes e a realidade vivida por eles, que também faz parte dessas relações geográficas. Consequentemente, o ensino se torna apenas um dado estatístico, desprovido de conexões teórico-conceituais,

que, se utilizadas, ajudariam a refletir sobre a complexidade do conhecimento e a relação dos estudantes com o mundo ao seu redor.

A intenção é integrar os acontecimentos locais, e sua relação com o global, ao conteúdo abordado pelo professor, criando uma conexão que os estudantes possam compreender. Isso envolve relacionar teoria e prática, considerando o agir prático dos alunos e seus conhecimentos prévios, reconhecendo-os como sujeitos inseridos em um contexto específico (Cavalcanti, 2019). Dessa forma, o professor pode desenvolver representações que reflitam o lugar em que os alunos estão inseridos, partindo das noções que eles constroem por meio de suas vivências e reflexões.

A natureza do trabalho docente requer uma vivência que abrange dimensões científicas, artísticas, éticas e técnicas, exigindo um alto nível de integração entre teoria e prática (Shulman, 2014). O propósito é transformar a forma na qual os estudantes compreendem o conteúdo e o relacionam à realidade que os cerca, fundamentando-se no conhecimento e na reflexão crítica. Isso fortalece a dinâmica educacional e promove a compreensão e a autonomia dos estudantes.

Para isso, como professores de Geografia, precisamos entender que o olhar geográfico se tornará uma característica dos alunos somente se estiver enraizado em suas experiências diárias. Esse olhar deve ser desenvolvido por meio de um método crítico, didático e criativo, que promova a autonomia e seja pautado por regras estabelecidas coletivamente em sala de aula, pois a intenção é que eles extravasem o espaço escolar. Caso contrário, os conhecimentos geográficos se reduzirão a informações isoladas, meramente obrigatórias, desconectadas da vida dos estudantes.

Para evitar que o processo de ensino-aprendizagem se distancie da realidade escolar, é fundamental que os docentes adotem práticas reflexivas. Isso envolve considerar situações relevantes e próximas ao contexto escolar, utilizando linguagens que articulem a relação entre teoria e prática.

Ao adotar esse entendimento, o conteúdo abordado em sala de aula deve refletir o olhar de cada estudante sobre o que ele percebe em sua realidade, uma visão que é moldada por sua história pessoal e cultural. Isso implica que, como professores pesquisadores, devemos levar em conta as diferentes trajetórias formativas de cada

indivíduo, distinguindo os detalhes relevantes dos triviais e organizando as informações mais significativas.

Santos (1988) discute a contínua transformação do espaço, e apresenta o olhar geográfico como uma abordagem interpretativa que possibilita a compreensão das relações entre sociedade e o espaço que habitam, abrangendo tanto as dimensões físicas quanto as sociais, culturais e econômicas. Essa percepção vai além da mera localização de objetos ou da descrição das características do ambiente; busca entender as dinâmicas e interações que moldam os territórios e a vida das pessoas que os ocupam.

O olhar geográfico propõe que o espaço não seja apenas um pano de fundo para as atividades humanas; ele é um elemento ativo que condiciona e é condicionado por essas atividades. Por exemplo, a configuração de uma cidade, a presença de recursos naturais e as redes de transporte impactam não apenas a vida econômica, mas também as relações sociais e as identidades culturais.

Ademais, o olhar geográfico inclui a análise das desigualdades sociais e espaciais. O ensino de geografia nos permite entender como diferentes grupos populacionais têm acesso a recursos, oportunidades e serviços, revelando como essas disparidades estão frequentemente relacionadas a fatores históricos, políticos e econômicos. Essa consciência crítica é essencial para a formação de cidadãos informados e engajados, capazes de questionar e agir em relação às realidades que enfrentam.

Outra condição importante do olhar geográfico é a sua utilização no ensino, que pode potencializar a compreensão e a relação entre a realidade vivida e o conteúdo estudado. Ao apresentar a Geografia de maneira contextualizada, conectando conteúdos teóricos às experiências corriqueiras dos alunos, os educadores promovem um aprendizado significativo. Essa abordagem permite que os estudantes reconheçam a presença da Geografia em seu dia a dia, compreendendo como a produção e o consumo, a mobilidade e as interações sociais estão interligadas.

O olhar geográfico é uma perspectiva valiosa para compreender os desafios contemporâneos, como as mudanças climáticas, a urbanização acelerada e as crises sociais. Santos (1988), afirma que “[...] a relação social, por mais parcial ou mais

pequena que pareça, contém parte das relações que são globais”. Nessa perspectiva, os indivíduos se tornam mais aptos a entender a complexidade do mundo atual e a buscar soluções que promovam um desenvolvimento sustentável e equitativo.

Em suma, o olhar geográfico é uma lente através da qual podemos explorar e entender as complexidades do espaço e das interações humanas. Essa abordagem nos convida a ir além do superficial, a conectar diferentes realidades e a agir de maneira responsável em um mundo interconectado.

Nós e nossa casca de bala

É de senso comum que todos os produtos embalados nas prateleiras dos mercados e lojas próximas a nossas casas vêm de fábricas. Isso significa que todos os produtos passam por processos de produção, distribuição e consumo. Esse processo ocorre em larga escala desde a industrialização, que teve início no final do século XVIII e se intensificou durante o século XIX. No entanto, essa expansão industrial também gerou grandes problemas ambientais, que persistem desde meados do século XX até os dias de hoje.

No contexto capitalista brasileiro, o processo de produção, circulação e consumo de mercadorias envolve, primeiramente, a fabricação de bens, realizada por empresas nacionais e multinacionais. Após a produção, as mercadorias são distribuídas por meio de redes de transporte e infraestrutura logística. No entanto, no Brasil, essa circulação pode ser mais lenta e cara devido à falta de investimentos adequados em estradas e sistemas de transporte hábeis. O consumo, por sua vez, é influenciado por fatores econômicos como a renda familiar, os preços e a oferta disponível. Devido à desigualdade, o acesso a produtos e serviços de qualidade pode ser restrito para parte da população.

Neste momento, analisaremos a prática de um professor de Geografia do ensino fundamental da rede municipal de São Paulo, que desenvolveu uma atividade didática utilizando balas de caramelo para trabalhar conteúdos curriculares. A proposta partiu de um método analítico, no qual os estudantes foram levados a refletir, a partir de um

produto simples — a bala — sobre os processos de produção, distribuição, comercialização e suas relações com o cotidiano.

A atividade teve como objetivo promover a participação ativa dos alunos, estimulando o pensamento crítico e a articulação entre seus conhecimentos prévios e os conteúdos abordados em sala. A iniciativa do professor configura-se como um exemplo significativo de prática pedagógica criativa, evidenciando seu potencial de engajamento e de construção de aprendizagens significativas.

O conteúdo abordado está inserido no eixo temático “Trabalho e formação socioespacial”, conforme proposto no material pedagógico Trilhas da Aprendizagem, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo. A proposta explora o processo de produção, circulação e consumo de mercadorias no contexto do capitalismo brasileiro, incentivando a identificação e o reconhecimento dos espaços de produção industrial no território nacional.

No planejamento da aula, o professor utilizou balas como recurso didático para provocar a reflexão dos alunos do 7º ano sobre o consumismo e, de forma ampliada, sobre as etapas de produção e descarte. A atividade envolveu a investigação da origem dos produtos, os métodos de fabricação e os impactos ambientais decorrentes, promovendo uma análise crítica sobre os hábitos de consumo e suas consequências.

O principal objetivo foi conscientizar os alunos sobre consumismo, ajudando-os a diferenciar entre o que é essencial para a vida e o que é supérfluo, além de refletir sobre o impacto dessas escolhas em suas vidas. A atividade começou pela percepção local: ao pegarem as balas, os alunos analisaram seu percurso e descobriram que a fabricação ocorreu no Rio de Janeiro, onde a fábrica distribui para todo o Brasil. Essa análise permitiu que os estudantes compreendessem a dinâmica socioespacial relacionada àquelas balas.

Essa atividade teve um grande impacto na conscientização sobre o descarte de lixo, mostrando como um simples papel de bala jogado no chão, e o impacto que os resíduos sólidos causam, pode gerar consequências significativas. O professor explicou aos alunos os impactos ambientais advindos da não adoção de práticas corretas de descarte pela população, apresentando dados importantes sobre os efeitos desse

comportamento. Ele alertou que, se cada pessoa no mundo jogasse apenas um papel de bala por dia, isso resultaria em cerca de 12 mil toneladas de lixo diariamente. Ou seja, se temos 8 bilhões de pessoas no mundo e cada uma dessas pessoas descarta um papel de bala que tem aproximadamente 1,5 gramas, se multiplicarmos um valor pelo outro o resultado é de 12 mil toneladas de lixo por dia.

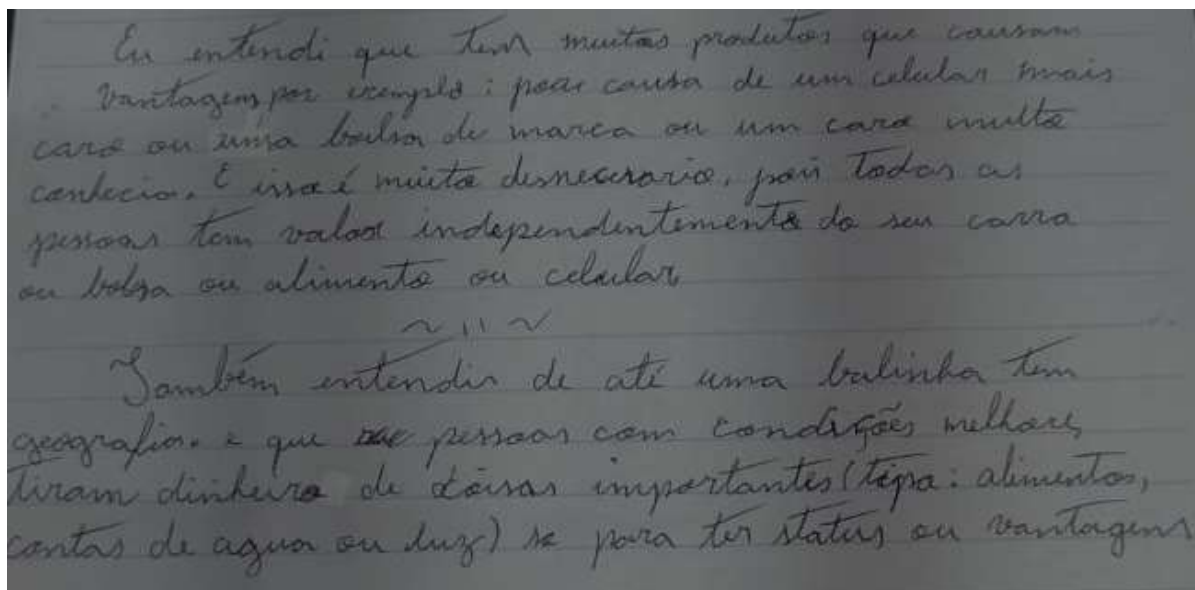
A relação entre o conhecimento geográfico e o espaço vivido permite que a Geografia contribua para a construção de conhecimentos, ao oferecer ferramentas culturais organizadas por meio de processos conscientes de ação e pensamento. De acordo com a perspectiva vigotskiana, que conecta pensamento e linguagem, essa relação deve ser vista como um processo contínuo, em que o pensamento se traduz em palavras e as palavras alimentam o pensamento. O autor ressalta em sua obra pensamento e linguagem, que:

[...] o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Fundamentalmente, o desenvolvimento da lógica na criança, como o demonstraram os estudos de Piaget, é função direta do seu discurso socializado. O crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem. (Vigotski, 2001, p.47)

Nesse contexto, o processo de aprendizagem escolar se integra à experiência pessoal da criança, enriquecendo seu desenvolvimento.

A atividade foi elaborada para uma aula sobre os impactos do consumismo no cotidiano social, destacando como a geração de lixo pode ocorrer até mesmo nos produtos menores que consumimos. A proposta foi uma atividade reflexiva sobre o consumo e o impacto ambiental do descarte inadequado. Assim, a tarefa foi designada para ser realizada em casa, permitindo ao estudante refletir sobre a questão: “Qual sua percepção sobre o consumismo na sociedade em que vive? Como o consumo de uma bala pode impactar o ambiente onde vivo? O que há de geográfico no processo de produção dessa bala?”. Os alunos deveriam explicar o que compreenderam da aula, e a seguir estão os resultados obtidos.

Figura 2: Atividade do consumismo – Estudante A



Fonte: Os Autores (2024)

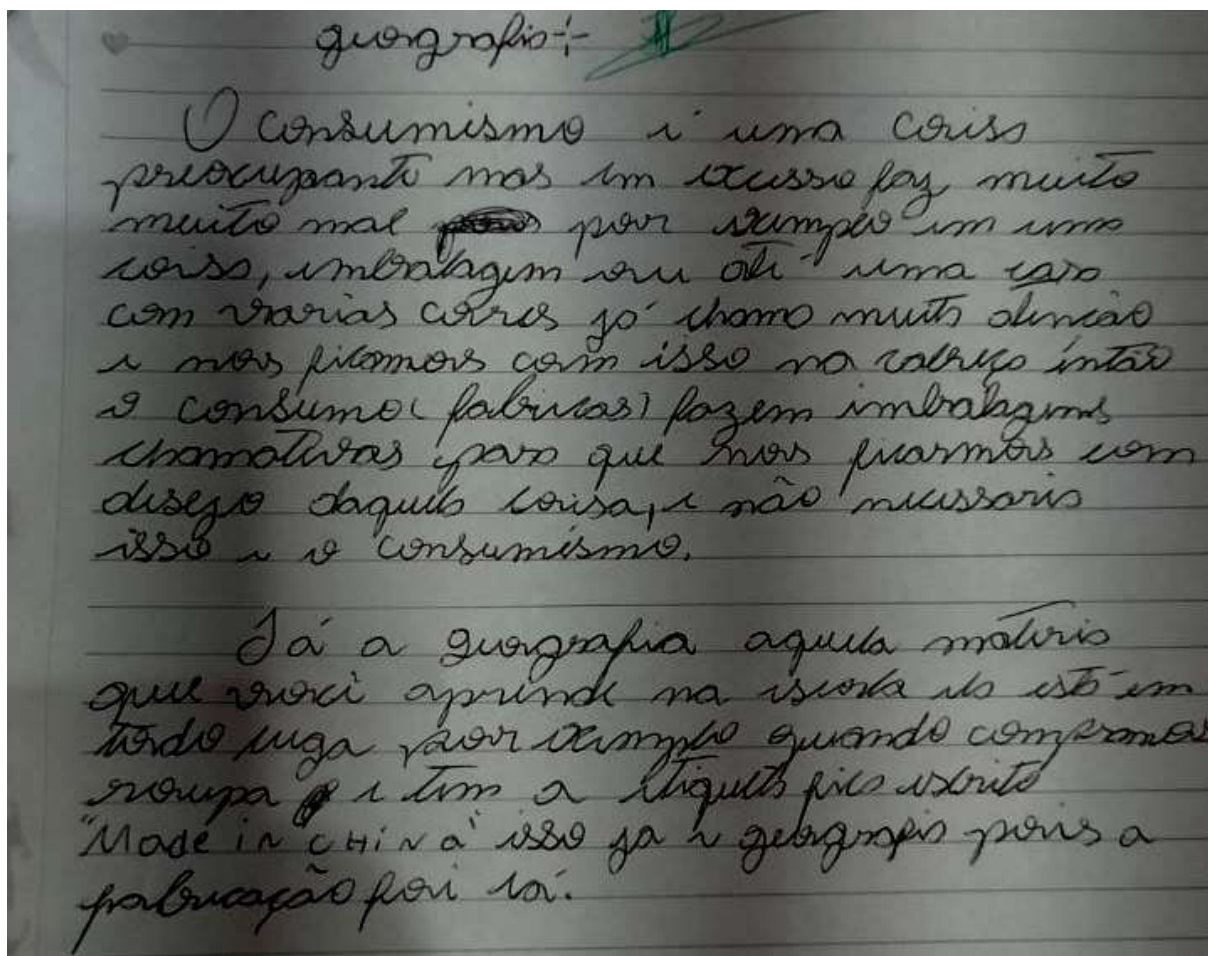
Na figura 2, podemos observar que o estudante A entende que o consumo pode tanto ser vantajoso quanto desnecessário. Ele demonstra compreensão dos impactos gerados até pelo consumo de algo simples, como uma bala, além de reconhecer as questões de desigualdade envolvidas no ato de consumir. O estudante também percebe que muitas pessoas, ao desejarem adquirir produtos acima de sua capacidade financeira, acabam abrindo mão de itens essenciais para obter bens que lhes proporcionem status ou vantagens. É como o paradoxo que Santos (2000) cita, que:

De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes. É a maneira como, sobre essa base material, se produz a história humana que é a verdadeira responsável pela criação da torre de babel em que vive a nossa era globalizada. Quando tudo permite imaginar que se tornou possível a criação de um mundo veraz, o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações, que se aproveita do alargamento de todos os contextos (Santos, 2000, p.9).

Essa percepção do consumo está relacionada à globalização, que trouxe mudanças significativas tanto no espaço mundial quanto no cotidiano, tornando o

espaço e a sociedade mais homogêneos. No entanto, esse processo também ampliou as desigualdades, agravando problemas sociais como exclusão, violência e degradação ambiental, entre outros. Abaixo, o estudante B, apresenta uma reflexão mais abrangente sobre a atividade proposta.

Figura 3: Atividade do consumismo – Estudante B



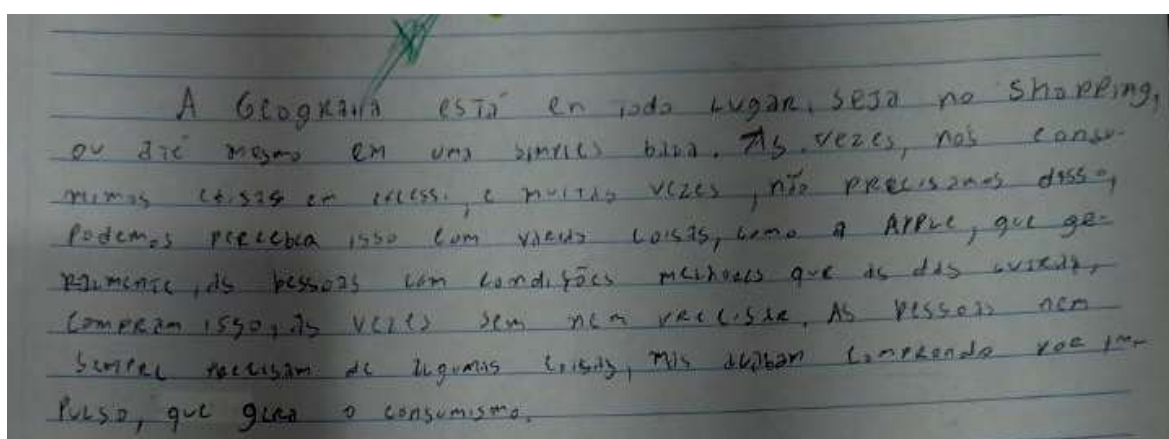
Fonte: Os autores (2024).

Na figura 3, o estudante B percebe o papel da publicidade no consumo, destacando como as empresas investem em embalagens atraentes para tornar os produtos mais desejáveis ao público. Além disso, ele demonstra compreensão da dimensão geográfica no processo de consumo, afirmando que os conhecimentos adquiridos na escola fazem parte do seu cotidiano e vão além dele. O estudante também identifica a relação entre o local e o global, observando que tem acesso a produtos

fabricados na China, transportados por navios até chegarem ao Brasil. Essa percepção é relacionada as escalas geográficas que, segundo Aragão (2020, p.35), “[...] são articuladas e articulam o espaço geográfico, conectando o local, o regional, o nacional e o global, sem necessariamente ser linear.”

Por meio da atividade realizada em sala, o estudante B começa a desenvolver um olhar mais geográfico sobre a realidade em que vive, percebendo que o conteúdo trabalhado na aula está mais presente em seu dia a dia do que ele imaginava. Ele demonstra sua compreensão da relação entre o local e o global ao olhar para a etiqueta de uma roupa e perceber que sua fabricação não é nacional. O estudante C, apresenta perspectivas similares ao estudante B, contudo sua interpretação é apresentada de maneira mais sucinta:

Figura 4: Atividade do consumismo – Estudante C



Fonte: Os autores (2024)

O estudante C compartilha a mesma perspectiva do estudante B, reconhecendo que a Geografia faz parte de seu cotidiano. Ele relaciona o tema do consumismo, discutido em sala de aula, com os locais de acesso ao consumo e percebe que isso está diretamente ligado ao conhecimento geográfico adquirido. Essa compreensão transforma seu entendimento da realidade, ao notar que o processo de produção, distribuição e compra é fundamental, mas que o consumo não planejado pode gerar problemas. Ele também observa a diferença no consumo entre pessoas com maior poder aquisitivo e aquelas com menos recursos, destacando a desigualdade social. Em

O estudante D destaca como marcas como *Louis Vuitton, Gucci, Prada e Chanel* são vistas como desejáveis, mas inacessíveis para as classes menos favorecidas, e como usar essas peças confere um status superior em relação às outras classes. Ao fazer essa comparação, ele aponta o consumo desnecessário e superficial, muito comum entre as classes mais ricas². Ao descrever esse processo, o estudante demonstra entender que essa observação foi trabalhada nas aulas de geografia, reconhecendo que tal consumo ocorre em seu dia a dia e está associado a algo supérfluo e de difícil acesso para a população de baixa renda.

Nesse contexto, podemos observar a construção histórica da sociedade organizada como parte do processo de modernização e da evolução econômica do sistema capitalista. Essa dinâmica, resultante de uma complexa teia de poderes e estratégias de sujeição dos indivíduos, determina as atividades realizadas, produz o espaço e molda as condições culturais, tudo isso na busca pela ordenação do sistema de consumo.

Podemos afirmar que o olhar geográfico foi abordado em sala de aula ao se trabalhar o tema do consumismo por meio de um produto simples, de fácil acesso e com uma embalagem atraentes, que o torna desejável. Usando essa bala, comum no cotidiano de todos os alunos, o professor de geografia conseguiu explorar o consumo, a cadeia produtiva e os impactos ambientais causados pelo descarte inadequado. Além disso, levou os estudantes a refletirem sobre a realidade em que vivem, ampliando seu entendimento de mundo de forma mais geográfica.

Considerações finais

O ensino de Geografia desempenha um papel fundamental na formação da consciência crítica e na percepção espacial dos alunos, especialmente nas etapas iniciais de sua educação. A partir da proposta de contextualizar o conhecimento geográfico à realidade cotidiana dos estudantes, é possível promover uma aprendizagem significativa que ultrapassa os limites da sala de aula. As atividades desenvolvidas, como a análise do

² Ele aborda sobre o valor que é conferido e o valor que é atribuído à partir da valorização de uma marca ou status de um produto.

consumo de um produto simples, como uma bala, revelam como questões geográficas e sociais que estão interligadas e refletem a complexidade do mundo contemporâneo.

A experiência proposta destaca a importância de se conectar teoria e prática, permitindo que os alunos explorem a produção, distribuição e descarte de bens de consumo em um contexto que faz sentido para eles. Este tipo de abordagem não apenas enriquece o conhecimento geográfico, mas também instiga a reflexão sobre hábitos de consumo e suas consequências sociais e ambientais. Os relatos dos estudantes demonstram que eles começaram a desenvolver um olhar crítico, reconhecendo a presença da Geografia em seu dia a dia e compreendendo melhor as dinâmicas sociais que moldam suas vidas.

Além disso, ao abordar temas como desigualdade social e consumismo, os estudantes são incentivados a se verem como agentes de mudança, capazes de questionar e transformar suas realidades. Assim, a Geografia não é apenas uma disciplina escolar, mas um meio poderoso para fomentar a consciência social e a formação de cidadãos críticos e responsáveis. Portanto, o desafio dos educadores é continuar buscando metodologias que promovam essa conexão entre teoria e prática, preparando os estudantes para entenderem e atuarem em um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A Pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais. **Anais...** I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER. Epistemologias da Geografia Cultural/Social. 2006. (Encontro).

ARAGÃO, Wellington Alves. **A indústria e suas transformações espaciais à luz da escala geográfica no ensino de Geografia**. Escala e ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, L. S.; SANTOS, L. A. (org). - Goiânia : C&A Alfa Comunicação 2020.

CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar e aprender Geografia: elementos para uma didática**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A relação de professores e alunos com os conhecimentos geográficos**: Fundamentos da teoria histórico-cultural para o processo de ensino e

aprendizagem. Geografia escolar: diálogos com Vigotsky. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. p.13 – 34.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232 p.

COSTA, Benhur Pinos da Costa; HEIDRICH, Alvaro Luíz. **A condição dialética de produção do espaço social**: microterritorializações (culturais) urbanas “a favor” e “contra” a sociedade. p.80-113.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho d’Água, 1997, São Paulo-SP.

GOMES, Paulo César da C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco e outros. **Espaço e Tempo**: complexidade e desafio do pensamento e do fazer geográfico. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009, p.13-30.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente**: a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. 1. ed. - São Paulo: Panda Educação, 2018. 160 pp

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: Um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. **Epistemologia da práxis na formação de professores**: perspectiva crítico-emancipadora. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. - (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

STRAFORINI, Rafael. **O Ensino de Geografia como prática espacial de significação**. Ensino de humanidades. Estud. av. 32 (93). May-Aug 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/kRrXfwBFZLLDtKqNRmgRHpH/#>. Acesso em: 22 de set. de 2023.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido: 28/10/2024 Publicado: 25/10/2025

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito